

Repetência assusta alunos de Taguatinga

Quase 20% dos estudantes da cidade estão em recuperação. A maioria discorda dos métodos de avaliação usados pelas escolas

Philio Terzakis
Da equipe do Correio

Chegou o final do ano. Nas escolas, entre os alunos, a agonia é a mesma: tentar ser aprovado. Quem não conseguiu atingir a média durante o ano apela para a recuperação final e para a recuperação de verão — as duas últimas chances de escapar da reprovação.

Em Taguatinga, se depender dos números, a agonia será grande. Caso as estimativas se confirmem, 14,5 mil estudantes de 1º e 2º grau deverão fazer as provas de recuperação. O número representa 18,58% do total de 78 mil alunos matriculados este ano. Os dados foram fornecidos pela Divisão Regional de Ensino de Taguatinga (DRET).

“Mas é preciso ressaltar que essas projeções foram feitas com base nos resultados das provas do 3º bimestre. Parte desses alunos deverão conseguir passar de ano com a recuperação final e não vão precisar ir para a recuperação de verão”, destaca a diretora da DRET, Maria Lúcia Vieira.

O percentual de Taguatinga é menor do que o do ano passado (22,02%), mas ainda é maior do que no Plano Piloto, Cruzeiro e Paranoá, por exemplo, que possuem 81 mil alunos matriculados nas 120 escolas públicas e conveniadas da divisão de ensino regional (DRE). A previsão da DRE é de que 9,87% dos estudantes — cerca de 8 mil — frequentem as aulas do próximo curso de verão.

A recuperação de verão faz parte do programa *Repetência*, vamos riscá-la de nossas escolas. Ela represen-

ta uma segunda chance para os alunos que não conseguiram ser aprovados na recuperação final. O programa é uma tentativa da Secretaria de Educação de evitar a cultura do fracasso nas escolas públicas do Distrito Federal. A idéia é impedir que o aluno abandone a escola, desestimulado pelas repetições.

Segundo a Fundação Educacional (FEDF), até a última sexta-feira, nem todas as escolas tinham apresentado projeções do número de alunos que ficarão em recuperação. Em muitos lugares, o resultado das provas do 4º bimestre ainda não está pronto. “Os números sempre diminuem depois da recuperação final”, adverte a diretora de Pedagogia da FEDF, Inês Bettoni.

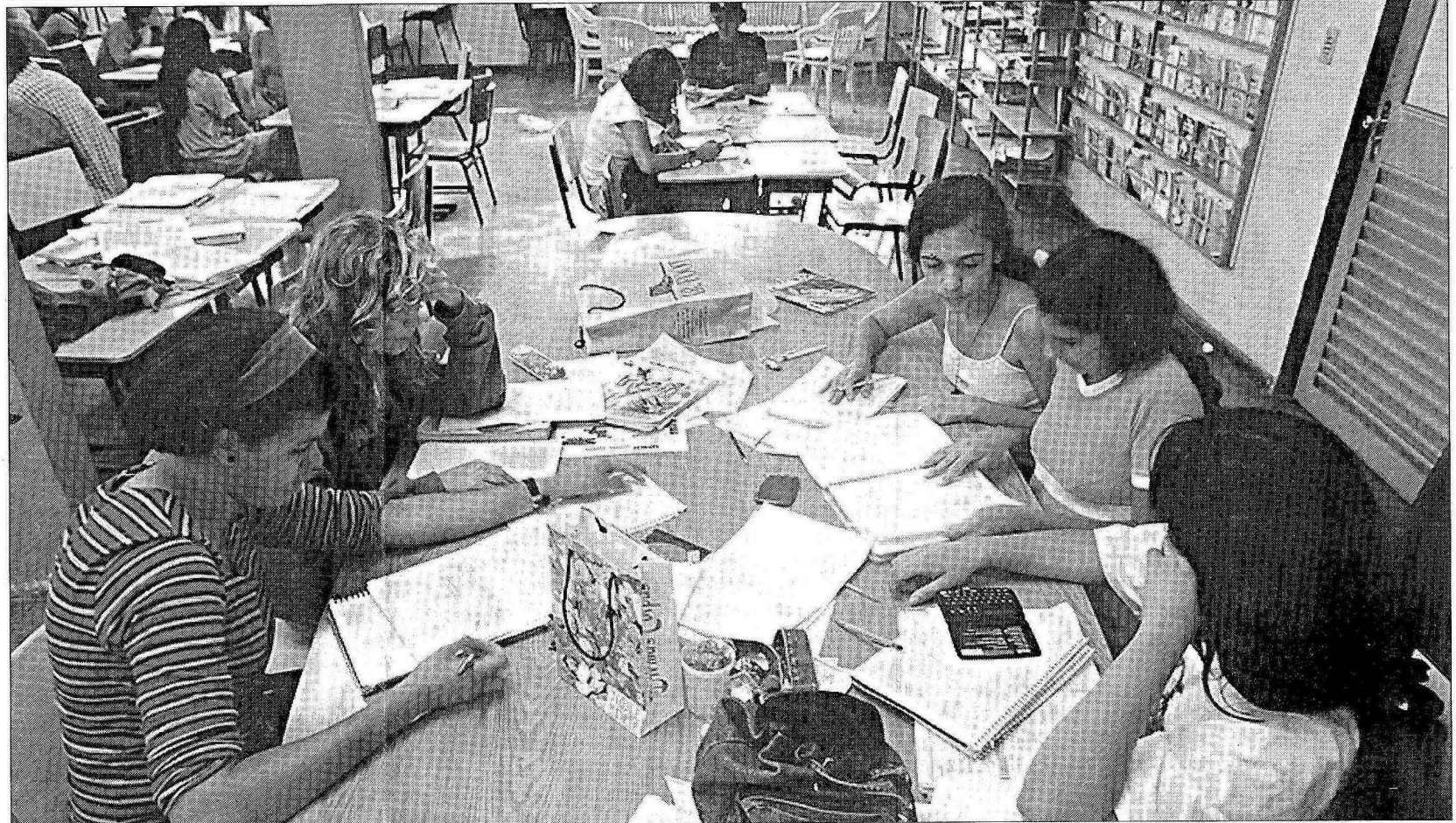
REPROVAÇÃO

Se as projeções feitas pela DRET estiverem corretas, serão realizadas até 44.511 provas de recuperação de verão, em fevereiro do próximo ano. Seis delas poderão ser feitas por Moisés Sousa Muniz, 19 anos, aluno do 1º ano do curso de Processamento de Dados na Escola Industrial de Taguatinga (EIT), em Taguatinga.

Moisés não conseguiu atingir a média em Estatística, Português, Física, Química, Matemática e Inglês. “Não sei o que aconteceu. No meio do ano, senti vontade de abandonar o curso e não estudei nada. Agora, mudei de idéia e não quero ser reprovado”, conta o estudante, que trabalha como marceneiro em Samambaia, onde também mora.

Ele discorda dos modos de avaliação que o sistema de ensino uti-

Zuleika de Souza



Estudando na biblioteca da Escola Industrial de Taguatinga para tentar ser aprovadas, alunas do 2º grau querem mais recuperações durante o ano

liza. “Claro que, muitas vezes, o aluno é culpado. Mas não deveria haver provas. O aluno deveria ser avaliado durante todo o ano, por meio da presença em sala, por exemplo”, opina.

Juliana Holanda Nogueira, 16 anos, teve mais sorte que Moisés. Ficou em recuperação apenas em Matemática. Passou toda a tarde de quinta-feira na biblioteca da EIT, estudando com mais quatro colegas. “Fiquei em recuperação por uma questão de décimos. Foi maldade do professor”, reclamou a estudante do 2º ano do 2º grau.

Para Juliana, duas recuperações no ano ainda não são suficientes. “Deveria haver muito mais, durante todo o ano. Do jeito que está agora, temos que estudar o programa do ano inteiro para fazermos a recuperação”, explica.

CULPA

Nem os alunos nem os professores são culpados pela quantidade de recuperações, segundo Maria Lúcia Vieira, da Divisão Regional de Ensino de Taguatinga. “A culpa é do processo atual, da forma de avaliar. A recuperação deveria ser feita ao longo do

processo e não em um período determinado. Isso prejudica o aluno. Ninguém é obrigado a saber de tudo”, afirma.

Apesar das críticas ao atual sistema de ensino da rede pública do Distrito Federal, Maria Lúcia ainda acha que a recuperação de verão é a melhor opção para combater a cultura do fracasso e reduzir as repetências. “Já que a avaliação do aluno como um todo não existe, é uma opção”, raciocina.

Taguatinga tem ainda outro problema. Suas salas de aula atraem boa parte dos alunos de outras cidades,

principalmente de Samambaia.

“As salas de aula que Samambaia ganhou este ano serviram apenas para acabar com o turno da fome. Os alunos da cidade que querem fazer cursos profissionalizantes procuram nossas escolas”, informa Maria Lúcia.

Ela diz que se não fossem os alunos de Samambaia, as salas de aula de Taguatinga não estariam tão cheias. Hoje, a lotação, que deveria ser de 30 a 40 alunos por sala, é de até 45 estudantes. “Escola de Taguatinga é igual a coração de mãe. A cada dia, entra mais um”, compara.